

**Desenvolvimentismo e Trabalho escravo contemporâneo no Maranhão:**  
análise a partir dos conceitos de Desenvolvimento Geográfico Desigual de David  
Harvey e Violência de Frantz Fanon<sup>1</sup>

Jamile Oliveira Mondego<sup>2</sup>

**Resumo**

Este trabalho tem como objetivo analisar a implantação de um discurso desenvolvimentista no Maranhão e a reprodução do trabalho escravo contemporâneo no estado a partir de duas matrizes conceituais, o Desenvolvimento geográfico desigual de David Harvey e o de Violência em Frantz Fanon. O discurso desenvolvimentista tem sido utilizado como justificativa para a implantação de grandes projetos de desenvolvimento no estado do Maranhão. A partir dos conceitos de violência de Frantz Fanon abordados em sua obra *Condenados da Terra*, podemos perceber como as estruturas coloniais permanecem nessas estruturas sociais, econômicas e de exploração do trabalho a partir de uma hierarquia criada entre tipos, grupos, pessoas. Nesse âmbito, o papel do estado no envio de trabalhadores aliciados para o trabalho escravo contemporâneo, a grande quantidade de trabalhadores negros nos leva a refletir a partir da idéia de Fanon de uma hierarquia espacial em torno dos civilizados e dos indígenas. Aqui a escala é outra, em que as regiões de expansão dos grandes projetos significam os espaços indígenas, a serem negados pela lógica modernizadora e colonial. A manutenção do trabalho escravo no interior maranhense, a partir de dados coletados em áreas rurais maranhenses demonstra a necessidade de reflexão mais profunda entre o capitalismo, o colonialismo e o racismo, na permanência dessas estruturas coloniais.

**Palavras-Chave:** Trabalho escravo, Desenvolvimento, Fanon, Harvey.

**Introdução**

Buscou-se identificar nesse trabalho à lógica desenvolvimentista na implantação de grandes projetos, e de como uso do espaço territoriais no Maranhão são promovem diversas conseqüências na manutenção de estruturas racializadas para nutrir uma superexploração de trabalhadores nessas regiões. Como as praticas

<sup>1</sup> Trabalho apresentado 3º Encontro do Observatório do Mercado de Trabalho do Maranhão

<sup>2</sup> Universidade Federal do Maranhão, Graduada em Licenciatura Interdisciplinar em Estudos africanos e Afro-Brasileiro, sarauocupacao2017@gmail.com.

## CONFIGURAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO, TRABALHO E AÇÃO COLETIVA



utilizadas de modernização econômica do passado permanecia do mito de um Maranhão de prosperidade.

Esse Maranhão Novo, moderno vem se constitui através de várias ações do governo configuradas numa infra-estrutura moderna de transporte, construção de portos, e modernização conservadora de uma estrutura fundiária denominada de “lei da terra” instituída em 1966 e 1970, no governo Sarney e seu sucessor, Pedro Neiva. Que favoreceu praticas e discursos de subutilização das terras ocupadas comunidades rurais, através Do uso de grilagem de terras e em seguida da instalação de grandes projetos agro-industriais privados e internacionais em áreas de comunidades. Os discursos usados alem de propagar a idéia de terras subutilizadas, trás a esperança de empregos e desenvolvimento socioeconômico nessas regiões.

Dois pontos são importantes para refletir sobre essas praticas: primeiro o fato do Maranhão se constitui como um, dos estados mais negro do país, sua população 6.109.687, 1.523.620 declararam se brancas e 4.541.893 declaram parda ou negra que corresponde a total 74,3% de descendente de escravos e de ex-escravos, com a maior concentração de comunidades quilombolas. E segundo o fato do estado possui uma das maiores taxas trabalhadores resgatados no país. Que nos sugere repensar na lógica no desenvolvimento de espaço desigual de um discurso desenvolvimentista na implantação de grandes projetos em terras ditas “subutilizadas”, com a promessa de empregos para uma população pobre, negra, de comunidades tradicionais ditas como novas oportunidades de trabalho, em um território de altos índices de trabalhadores escravizados.

Refletindo sobre esses aspectos dois autores é de total importância para compreensão dessas relações, um é David Harvey que através de seus conceitos desenvolvimento geográfico desigual e o outro são o conceito de violência de Frantz Fanon. Através desses conceitos podemos, compreender como essas estruturas coloniais permanece na nossa estrutura, apenas em uma nova instrumentação na ocupação do espaço terras das comunidades tradicionais, e a manutenção das mesmas

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**



## CONFIGURAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO, TRABALHO E AÇÃO COLETIVA



práticas de violência de trabalhos degradantes que são impostas a essas populações.

Esse trabalho será dividido em três etapas para melhor compreensão dessa lógica. A primeira sobre olhar sobre o passado na lógica de compreender o presente. Análise desse dois arcabouços teóricos, um Frantz Fanon e seu conceito de violência na perspectiva de corporeidade criminalizatória de negação do outro, na mudança de justificativa para o discurso civilização ao pós moderno discurso desenvolvimentista. E outro David Harvey com desenvolvimento de espaços desiguais, onde o autor propõe uma nova concepção do entendimento do espaço através das contribuições marxistas na compreensão da dimensão espacial da geografia histórica da acumulação do capital que é promotora do desenvolvimento geográfico desigual.

### **Violência de Frantz Fanon - Condenados da Terra**

A obra “Os Condenados da Terra” publicada e inscrita Frantz Fanon em 1961, traça um panorama político, histórico, cultural e psíquico da colonização na Argélia e na África. Com uma fundamentação teórica marxistas, analisa a realidade colonial a partir de uma divisão racial. Essa divisão de mundo acerca da raça, ele expõe o mundo colonial entre os colonizadores e os colonizados. Um mundo que apesar de possui bandeira de direitos universais para todos, esse todo é um núcleo restrito dos ditos civilizados, ou detentores de uma cultura específica, ou seja, a cultura europeia. A desumanização do outro é justificada para tomada de seus territórios ditos como “não produtivos” ou “subutilizado”. O uso de linguagem zoológicas e animaléscas do colono para o colonizador a sua forma de vida, que descreve o indígena como um ser incivilizado que noção de universalidade não lhe contempla, em contraposição a valorização da cultura do colonizador, ditos brancos ocidentais é propagada como justificativa salvacionista para sua dominação. É exatamente nesse ponto da negação do outro para justificar e dominar outro, que a violência se instala como mal necessário para manutenção do sistema colonial e o modo produtivo capitalista europeu.

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**



## CONFIGURAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO, TRABALHO E AÇÃO COLETIVA

## 3º ENCONTRO DO



“Por vezes este maniqueísmo vai até ao fim de sua lógica e desumaniza o colonizado. À rigor, animaliza-o. E, de fato, a linguagem zoológica. Faz alusão aos movimentos réptis do amarelo, às emanções da cidade indígenas, as hortas, ao fedor, á pulação, ao bulício, a gesticulação. O colono, quando quer descreve bem e encontra a palavra exata, recorre constantemente ao bestiário. O europeu raramente acerta nos termos “figurados”. (Fanon, 1968, p. 31).

A forma pela qual ocorreu a subjugação das populações dominadas pelo modo de produção capitalista em um sistema colonial, levou a uma psique racializada de produção de trabalho. Essas implicações traumáticas para subjetividade do colonizado, só se torna perceptível, quando alinhadas a estudos concretos históricos de como a modernidade capitalista que transformou o que é genuinamente humano em objeto de acumulação.

Neste ponto chegamos ao segundo nível de análise, onde a relação do racismo com o sistema capitalista encontra-se em posições sociais epidermizadas, que nos conduz a uma divisão social de trabalho racializada, que pressupõem o lugar do individuo a partir das marcas fenotípicas e culturais. Esse lugar vai ser definido em dois pontos de análise, o espaço que ocupa o “civilizado” e o “indígena” na divisão do trabalho, e no direito da terra.

“O mundo colonial é um mundo dividido em compartimentos. Sem dúvida é supérfluo, no plano da descrição, lembrar a existência de cidades indígenas e cidades européias [...]. Vê se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência [...]. O intermediário leva a violência á casa e ao cérebro do colonizado [...]. Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor, jamais habitaram o mundo colonizado. O indígena é declarado impermeável de ética, ausência de valores, como também negação de valores [...] por vezes

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**



este maniqueísmo vai até fim de sua lógica e desumaniza o colonizado. A rigor animaliza-o.” (Fanon, 1968, 27-31).

Essa relação de espaço território e trabalho, aliados aos conceitos de violência vão definir categorias de subalternidade a quem tem direitos universais, tais como, de propriedade privada, do conceito de uso concreto da terra e condições dignas de trabalho.

“Este enfoque do mundo colonial, de seu arranjo, de sua configuração geográfica, vai permitir-nos delimitar as arestas a partir das quais se há de reorganizar a sociedade descolonizada”. (Fanon, 1968, p. 27-28)

A partir dessa percepção sobre o corpo negro, Fanon conclui a existência de uma zona de não-ser e suas diversas implicações das hierarquias espaciais do corpo, que fundamentadas no dilema da visibilidade e invisibilidade que se manifesta numa perversa divisão racial do trabalho. Que divide a humanidade entre seres superiores e inferiores, mediante a história específica de país, região ou localidade. Essa divisão tem uma profunda repercussão sobre o que nos entendemos como humano, e seu discurso sobre o que é humano.

“... E não afirmo que seja impossível converter um homem num animal; digo que não se chega a tanto sem o enfraquecer consideravelmente; as bordoadas não bastam é necessário recorrer a desnutrição. É o tédio, como servidão.”. (Fanon, 1968, p. 10)

### **David Harvey e sua Teoria de Desenvolvimento Geográfico Desigual**

O geógrafo britânico David Harvey, possui grande relevância não só para

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

## CONFIGURAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO, TRABALHO E AÇÃO COLETIVA

## 3º ENCONTRO DO



geografia, mas também para ciências humanas, de modo geral, é inquestionável. Seus estudos marcados por rigor teórico, político e social, nas análises críticas em questões referentes sobre a categoria território no contexto histórico de produção e de reprodução da acumulação capitalista.

O autor visa compreender o funcionamento do capitalismo em um âmbito geográfico, apontando as dinâmicas da acumulação do capital, como isso pode alterar o espaço e as formas de espacialidades, ocasionando desigualdades entre os territórios. Harvey considera que o desenvolvimento geográfico sofre fortemente influencia pela acumulação do capital, pela ação do homem pela natureza (inserção material na 'teia de vida' sócio-ecológica), pela busca de redução do tempo de giro do capital (compreensão espaço-tempo) e pelos conflitos territoriais em diferentes escalas geográficas ( global, regional e local).

Essas quatro condicionalidades são resultados da conjunção de diferentes modos de pensar o desenvolvimento desigual, que são analisados para área dinâmica de interação e transformação de uma teoria unificada, a qual cria a condição de nova possibilidade analítica do desenvolvimento espacial. Harvey integra em seu quadro referencial, a contribuição das seguintes linhas de pensamento: temporais (marxista, principalmente); espaciais e; regionais (desenvolvimento regional) que estão distribuídas em quatro dimensões (historicidade, construtivas, ambientalista e geopolítica).

A teoria unificada desenvolvida pelo autor é de grande relevância metodológica na forma como ele apropria se e integra as contribuições teóricas em todo unificado.

Ao levar em consideração o tempo e o espaço em constante movimento nos contemplando com uma visão geográfica mais ampla e realista do desenvolvimento territorial do capitalismo, através do sistema produtivo em sua interface ambiental, o sistema financeiro com suas conexões globais (extra-regional) e o sistema urbano – e as organizações sociais políticas.

O uso das teorias tradicionais de um marco referencial em seus estudos, o tempo ou o espaço, são insuficientes para explicar as causas dos desenvolvimentos desiguais. A relevância da abordagem espaço temporal encontra-se na integração que permiti uma melhor compreensão dos modos pelos quais a mudança político-econômica contribui para praticas e processos

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**



## CONFIGURAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO, TRABALHO E AÇÃO COLETIVA

## 3º ENCONTRO DO



matérias especializadas, chamando a atenção do modo como representamos ou interpretamos e agirmos em relação ao mundo.

O uso do sentido tempo integrado a noção de espaço é de total relevância para análise de sociedade específica de um território de um sistema produtivo, obtendo um sentido de tempo mutante e influenciável pelas práticas materiais constituído a grande contribuição das teorias sociais temporais da análise espaço temporal de Harvey. Essa análise transforma o sentido do espaço condicionante imóvel, fixo, não-dialético, em algo vivo, histórico e dinâmico. Onde a inserção de novas práticas materiais, modificam a maneira de enxergar o mundo e a sociedade muda.

A forma como sociedade vivenciou o feudalismo é completamente diferente do tipo de tempo vivenciado pelas sociedades capitalista. Dessa forma a ênfase no tempo esta implícita na própria noção de progresso.

“A redução do espaço a uma categoria contingente está implícita na própria noção de progresso. Como a modernidade trata da experiência do progresso através da modernização, os textos acerca dela tendem a enfatizar a temporalidade, o processo *dever-a-ser*, em vez de *ser*, no espaço e no lugar.” (HARVEY, 1992, p. 190).

O que o autor faz é movimento para desnaturalizar as escalas demonstrando que as mesmas são produzidas pelo homem em sociedade, através da história, e no espaço. Isso significa dizer que a produção das escalas espaciais vai além das influências naturais. A dinâmica dos planos escalares nos processos naturais e condicionantes humano para produção de suas próprias escalas.

“Os seres humanos costumam produzir uma hierarquia acomodada de escalas espaciais com que organizar [sic] suas atividades e compreender [sic] seu mundo. Lares, comunidades e nações são exemplos óbvios de formas organizacionais contemporâneas existentes em diferentes escalas. Intuímos de imediato no mundo de hoje que o caráter das coisas se afigura distintos quando analisado nas escalas global, continental, nacional, regional, local ou do lar/pessoal. O que parece relevante ou faz sentido numa dessas escalas não se manifesta automaticamente em outra. Sabemos, não obstante, que não se pode entender o que acontece numa dada escala fora das relações

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**



## CONFIGURAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO, TRABALHO E AÇÃO COLETIVA

## 3º ENCONTRO DO



de acomodamento que atravessam a hierarquia de escalas – comportamentos pessoais (por exemplo, dirigir automóveis) produzem (quando agregados) efeitos locais e regionais que culminam em problemas continentais, de, por exemplo, depósitos de gases tóxicos ou aquecimento global. Mas essa decomposição intuitiva é imprópria, pois dá a impressão de que as escalas são imutáveis ou mesmo totalmente naturais, em vez de produtos sistêmicos de mudanças tecnológicas, formas de organização dos seres humanos e das lutas políticas”. (HARVEY, 2004, p. 107-108).

Exatamente nesse ponto onde ocorre a mudança percepção do espaço em uma análise de espaço temporal. Onde a tendência do capitalismo em ter crises cíclicas de superacumulação, que é inerente ao seu funcionamento, na busca incessante por mais-valia, provocada pela acumulação via exploração. E na solução da crise através da reorganização do espaço e do tempo que ocorrem a mudança ou deslocamento temporal, mediante a construção de novos espaços geográficos com abertura de novos mercados, novas capacidade produtivas e novas possibilidades de recursos (sociais e de trabalho) em outros locais.

Através do conceito de particularismo militante Williams, para reconhecer a dimensão do fundamento geográfico da luta de classes, como condição essencial para reconhecer o interesse coletivo. O autor espacializa a teoria marxista contribuindo de forma relevante aos estudos entre relações entre ambientes territorial e organizações sociais humanas, tendo como base objetivação da acumulação capitalista.

O interesse coletivo se constrói de diferentes dimensões de luta em diferentes escalas, de acordo com projeto socialista, que garante a democracia e a diversidade em contexto de desenvolvimento humano.

No Capítulo dois de sua Obra Espaço da Esperança, o autor refere-se á proposição do corpo como medida de todas as coisas. Um elemento fundamental do autor é descrever o *corpo político*. E de como a relação do *modo de produção espaço tempo* com o *corpo político* acontece. Em que diferentes processos físicos e sociais resultam em termos materiais como representacionais na produção de diferentes tipos de corpos.

Critica uma visão maniqueísta e absolutista por meio da idéia de que o corpo é contido e condicionado e disciplinado. Cartesiano e newtoniano uma

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**



## CONFIGURAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO, TRABALHO E AÇÃO COLETIVA

## 3º ENCONTRO DO



teoria inibidora da idéia de emancipação humana. Lefebvre e Foucault e a crítica e o contraponto da idéia reducionista do corpo cartesiano e newtoniano. Apóia-se em Marx para compreensão do processo de produção e ação corporal no âmbito do capitalismo. Por meio de categoria *trabalho vivo* indicativo de qualidades fundamentais (criatividade e dinamismo do trabalho) da origem da vida e do poder subversivo para mudança.

Tem como pressuposto contribuir também para a explicação das transformações das funções do Estado. Tem seu esforço reconhecido na constituição de uma geografia política do capitalismo. Contribuiu para problematizar a relação entre a conformação do território e o papel do Estado na gestão das políticas públicas e sua relação com direitos de cidadania.

A intenção é nos provocar a pensar em alternativas, a pensar e agir de outra maneira, através da construção de uma *política de coletividade*, ação crucial da tradução pessoal e do político num terreno mais amplo da ação humana, de uma perspectiva longa e permanente revolução. O que ele nos sugere e mudar de nível, transcender as particularidades e chegar alguma concepção de alternativa universal sobre compromissos pessoais e projetos políticos baseando-se no conceito de interesse da espécie. Envolve uma tradução do concreto para o abstrato. Colocando de uma questão como pensar o *direito universal* e a auto expansão da vida baseado nas contribuições de Noeass Rothenberg. Concebendo o desenvolvimento geográfico desigual como um direito e não como uma necessidade capitalisticamente imposta. Traz nesse sentido as contribuições para pensar e ler na *produção do espaço humano* a *produção de geografia da esperança*.

### **A lógica Desenvolvimentista do Maranhão Conservador para manutenção do Trabalho escravo contemporâneo**

O processo de modernização no Maranhão acompanha a expansão das fronteiras agrícolas no país, a expansão territorial do capital, tem sua efetivação da reprodução do modo produção capitalista. Esse contexto espacial dentro de uma lógica de acumulação de capital são criadas e recriadas, especialmente para suprir a necessidade do capital acumulativo.

Esta análise permitira como essa lógica desenvolvimentista econômica e

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**



## CONFIGURAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO, TRABALHO E AÇÃO COLETIVA

## 3º ENCONTRO DO



social do Estado do Maranhão ao ser inserido em uma lógica desenvolvimentista. Vários estados do país vão seguir essa lógica, mas no caso do Maranhão devido os índices mais baixos de desenvolvimento humano, considerado um dos estados mais pobre da federação, os impactos sofridos a população mais carentes vão ser avassaladores.

Estes novos investimentos compreendem o complexo minero-metalúrgico (região oeste – Açailândia, Imperatriz e Santa Inês), o agronegócio na região sul (Balsas e Riachão) e Indústria de Alumínio, minério de ferro e de petróleo (a região norte, em torno de São Luis).

A lógica de desenvolvimento do estado através desses investimentos de capital para transformar a realidade social e econômica da região. Aonde a lógica de um Maranhão pobre para um Maranhão em desenvolvimento, esses espaços vão se constituir campo produtivo para fomentação de grandes fronteiras agrícolas. Com a lógica de terras devolutas, ou “subutilizadas” e agronegócio e grandes mineradoras vão se apropriar do discurso desenvolvimento social econômico da região. A expulsão de comunidades rurais de suas terras subutilizadas vão se tornar pano de fundo para um sistema neocolonial de expansão de grandes corporações.

O conceito de violência de Fanon, vai ser importante para compreender como terras produtivas de comunidades tradicionais em todo estado, vão definir novas ordens espaciais de subgrupos ditos “não civilizados”, ou “não produtivos”. A hierarquização da propriedade privadas dessas comunidades através de conceitos racista, de subutilização encontra-se na vida e da mente do colonizador. A primeira uma propriedade estruturada, farta e bem organizada sempre abastecida de investimentos em contraponto a uma segunda pequena cultura familiar. O discurso se modifica civilizatório para desenvolvimento, mais a estrutura permanece colonial para neocolonialismo, que condicionam a permanência de diversas práticas sociais e trabalhistas na exploração da força de trabalho.

“Portanto não existe entremeios mascarando a realidade. A

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**



desigualdade nas colônias salta os olhos. Diferentes dos países desenvolvidos, onde o operário e o burguês são “em essenciais iguais”, cidadãos parte de uma mesma nação.” (CARVALHO, Airuan. 2018, p.30).

Dados da Comissão Pastoral da Terra aproximadamente um milhão de pessoas estiveram envolvidas em conflitos no campo no Brasil em 2018, mais especificamente 960.630 pessoas envolvidas em conflitos contra 708.520 em 2017, um aumento significativo de 35,6%. O acirramento da violência privada faz explodir o número de famílias expulsas. Somente em 2018, o poder privado foi responsável pela expulsão 2.307 famílias e poder público por despertar 11.235 famílias. O registro que capta a violência do poder privado é registro das ocorrências de expulsão.

Registra-se também que em a área de 39 milhões e 425 mil hectares implicada em conflitos, em 2018, que correspondem a 4,6% da área total do país, o que dá a devida dimensão da importância da terra, e tudo que nela se aplica na atual conjuntura política brasileira.

O Maranhão ocupa o terceiro lugar em ações de pistolagem (foram 1.065 em ações de pistoleiros contra famílias em 2018) dentro desse número o Maranhão registrou 201 conflitos no campo.

Outra questão relevante nessa análise são o trabalho escravo contemporâneo no interior maranhense. Para entender melhor condições de trabalho análoga a de escravo se constitui como; trabalho forçado e/ou jornada exaustiva, bem como trabalho em condições degradantes e/ou servidão por dívida, todas essas espécies encontram previsão legal nas Convenções nº. 29 e nº. 105 da Organização Internacional do Trabalho – OIT e no artigo 149 do Código Penal Brasileiro.

“O artigo 149 dispõe que: “reduzir alguém à condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo-o, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto”.

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**

## CONFIGURAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO, TRABALHO E AÇÃO COLETIVA



Em virtude as formas como, o trabalho se conduz em sua forma de tratamento, exploração e subjugação que são submetidos aos trabalhadores a relação comparativa a época colonial, ainda que não sejam idênticas em diversos aspectos os trabalhadores são considerados bens de objeto de apropriação.

Outro ponto de comparação ao sistema colonial escravista e o trabalho escravo contemporâneo são as condições altas taxas de doenças e mortalidades e baixo índice de natalidade, ameaças sofridas, castigo, prisão, isolamento e tortura.

Mesmo após a libertação com fim da escravidão pela Lei Áurea, diversos sistemas de trabalhos foram criados para manutenção da exploração da mão-de-obra. A população negra destituída de políticas publica na educação para qualificação da mão-de-obra concentra a maior parcela dessa população explorada.

Dados atuais do IBGE demonstram que 23% da população declarante negra no Maranhão não tem acesso á educação. Demonstrando a estrutura racalista nas políticas publicas brasileiras e maranhense. Atualmente podemos visualizar que o perfil do trabalhador escravizado, é aquele que foi negado acesso a cidadania, a educação, á saúde. O racismo estrutural imposto é pelo estado tem como finalidade a manutenção da superexploração capitalista. Tornando o Maranhão um dos maiores fornecedores de trabalhadores escravos.

Dados da Comissão Pastoral da Terra em 2018 houve 33 casos denunciados com 33 libertos, em contrapartida em de 42 denuncias e 26 libertos e 1 de menor em 2017 no Estado do Maranhão.

### Considerações finais

O presente artigo se dispões a apresentar dois referenciais teóricos para debater as condições do trabalho escravo contemporâneo no Maranhão e como esse referencias nos ajuda a repesar a lógica desenvolvimentista na implantação de grandes projetos com discurso desenvolver o estado. Quais as consequencias desse dito desenvolvimento.

**De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**



## CONFIGURAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO, TRABALHO E AÇÃO COLETIVA



David Harvey com seu conceito de desenvolvimento geográfico desigual nos faz refletir sobre como os conflitos territoriais no estado, são agravados pela ótica globalizante de desenvolvimento, onde estruturas historicamente que contribui na concentração fundiária se perpetua no seio da propriedade privada da terra.

O conceito de Fanon de violência nos provoca a refletir na estrutura histórica de concentração fundiária como manutenção de velhas estruturas colonial, ou neocoloniais. A perspectiva das terras ocupadas por uma população negra, não serem detentoras de conhecimento para o desenvolvimento e ocupação. Dessa forma lhe são negadas o direito de universalidade central do capitalismo, a propriedade privada da terra. Essa negação do outro será justificada através da idéia de “subutilização” do espaço, ou seja, não detentora de um bem.

Esse conflito de estruturas raciais, no desenvolvimento geográfico desigual nos conduz a manutenção da superexploração do trabalho, promovendo o estado maranhão é uma zona de conflitos territoriais e desiguais na sua forma social e de trabalho.

### Referências

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Ed. Loyola, 2ª edição, 2006a (tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves).

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Ed. Loyola, 2ª edição, 2005 (tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves).

\_\_\_\_\_. O Desenvolvimento Geográfico Desigual. In: \_\_\_\_\_. *Os limites do Capital*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2013

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

\_\_\_\_\_. Racismo y Cultura (1956). Publicado por Matxingune Taldea en 2011.

Disponível em: [http://www.matxingunea.org/media/pdf/Fanon\\_Racismo\\_y\\_cultura\\_web.pdf](http://www.matxingunea.org/media/pdf/Fanon_Racismo_y_cultura_web.pdf).

\_\_\_\_\_. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: [http://kilombagem.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/07/Pele\\_negra\\_mascaras\\_branças-Frantz-Fanon.pdf](http://kilombagem.org/wordpress/wp-content/uploads/2015/07/Pele_negra_mascaras_branças-Frantz-Fanon.pdf).

FAUSTINO, Deivison Mendes. Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Frantz Fanon. *Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina. “Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro”*. São Paulo, Disponível em:

<http://www.laept.ufma.br/guia-de-pesquisas/2012-2013-on-line/> **De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA**



## CONFIGURAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO, TRABALHO E AÇÃO COLETIVA

## 3º ENCONTRO DO



MBEMBE, Achille. **A universalidade de Frantz Fanon**. Disponível em: <http://www.buala.org/p> HYPERLINK "<http://www.buala.org/pt/da-fala/a-universalidade-de-frantz-fanon-de-achille-mbembe>"t/da-fala/a-universalidade-de-frantz-fanon-de-achille-mbembe.

SAPEDE, Thiago C. "Racismo e Dominação Psíquica em Frantz Fanon". In: *Sankofa: Revista de história da África e de estudos da diáspora africana*. S/Data

CARVALHO, Airuan silva de. A alienação em Frantz Fanon: da consciencia a descolonização. *KWANISSA –Revista de Estudos africanos e Afro-brasileiros*, São Luis, n2, p. 20-34, jul\dez, 2018.

NEVES, RM Debora. Trabalho escravo e aliciamento. São Paulo. Editora Ltda. 2012.

Rodrigues, Sávio. Trabalho escravo no Maranhão e vulnerabilidade do Trabalhador. *TEMAS DE GEOGRAFIA DO MARANHÃO*. Editora EDUFMA. São Luis. 2017.

Comissão pastoral da Terra. Massacre no Campo. Relatorios conflitos no campo Brasil 2018.

IBGE. Dados publicados em 2018.

De 21 a 24 de Janeiro de 2020 Local: CCH-UFMA

